

PUBLICAÇÕES RECENTES ACERCA DA GEOGRAFIA  
DA PENÍNSULA IBÉRICA

(PRIMEIRA NOTÍCIA)

Enquanto na grande *Geografía de España y Portugal*, dirigida por MANUEL DE TERÁN <sup>(1)</sup>, de que foram publicados quatro volumes, se nota um compasso de espera, correspondente à preparação dos tomos relativos à Geografia humana (esta, necessariamente morosa, tanto pela enorme variedade do assunto como pela carência de algumas monografias de base essenciais) e às regiões espanholas de leste e do sul, várias publicações estrangeiras têm sido dedicadas à Península Ibérica. Delas se fará uma resenha, com especial referência ao que importa ao enquadramento de Portugal na grande unidade natural e humana de que faz parte.

A reedição do primeiro volume da colecção *Orbis*, dedicado ao Mediterrâneo <sup>(2)</sup>, permitiu a P. BIROT refundir a parte relativa à Península Ibérica, quer utilizando bibliografia recente, quer o rico material das pesquisas que, desde o início da sua operosa carreira de geógrafo, tem dedicado, com grande fidelidade, aos mais intrincados problemas da geomorfologia peninsular. Não admira por isso que o capítulo mais vigoroso e original seja consagrado ao relevo; evocados, mais do que descritos, os seus caracteres essenciais, o autor aplica-se especialmente ao estudo dos temas mais controvertidos, enriquecendo-o com as suas sugestivas interpretações, dentro do esquema clássico que opõe a Meseta aos enrugamentos alpinos periféricos. Alguns aspectos merecem ser considerados como paradigmas da Geografia geral: «uma das superfícies de erosão mais perfeitas do mundo» ocupa a metade oeste de Castela-a-Velha, até além da raia portuguesa; todo o planalto deste nome sofreu uma evolução de bacia fechada pelo menos até ao Pontiano; o Douro, que faz cessar tal endorreísmo, «precipita-se por um dos mais formidáveis *cañones* da Europa para se lançar no oceano». Toda esta evolução comporta mais problemas que certezas: «em conclusão, no estado actual das pesquisas, é-se incapaz de distinguir claramente as fases do levantamento da Meseta, a data em que se

---

(1) Barcelona, a partir de 1952; o último tomo é de 1958.

(2) *A Península Ibérica* ocupa as pp 189 a 354, com bibliografia.

situou o litoral atlântico, a importância relativa das surreições e dos abatimentos no arranjo do talude marginal, enfim as modalidades da organização da drenagem exorreica». Assim se precisa a analogia com «uma verdadeira bacia africana», que o autor invoca ao aludir, pela primeira vez, a esta unidade. Pressente-se aqui um campo de investigação apaixonante, cujos resultados poderão esclarecer um dos problemas mais obscuros da geomorfologia mundial. A estrutura e evolução morfológica dos Pirenéus e principalmente da Cordilheira Bética são discutidas à luz de várias concepções tectónicas, onde a imaginação por vezes tem tendência a sobrepor-se aos dados fundamentais da observação. A hipótese de trabalho que BIROT sugere para o conjunto da Península comporta, por um lado, um potente movimento de compressão do meio do Miocénico, ritmado pela orogénese da Cordilheira Bética, com levantamento de conjunto da Meseta e formação dos seus relevos interiores e marginais, uns ao longo de falhas, outros por enrugamento. Paradoxalmente, por outro lado, uma parte do interior da Península «permaneceu numa zona de silêncio tectónico», fase de estabilidade durante a qual a maior parte da Meseta foi aplanada (Pontiano). Depois dessa época — rejogar de grandes deslocções verticais, revigoramento de escarpas de falha, afeiçoando os rebordos do Mediterrâneo e do Atlântico — BIROT tem tendência a modernizar tanto os surtos tectónicos principais como as grandes fases de aplanação; é admissível, contudo, que a tectónica referida possa ter respeitado velhas superfícies. A incidência dos processos «tropicais» de pediplanação, que a Península Ibérica parece ter conhecido e conservado melhor do que qualquer outra área europeia, a provável assimilação das *rañas* da Meseta meridional às «cascalheiras de sopé» dos relevos que enquadram a plataforma de Castela-a-Velha, extensos derrames indicativos dum clima árido, provavelmente no Vilafranquiano, depois e abaixo dos quais se formou a rede hidrográfica actual e se marca o ritmo da sua poderosa acção erosiva, mereciam um tratamento de conjunto pelo autor que, certamente, melhor o poderia fazer. Sem embargo destes e doutros reparos de pormenor, nestas páginas densas de factos significativos e de problemas vistos a nova luz, o leitor (desde que conheça previamente as grandes linhas descritivas) encontra a indicação preciosa de vários caminhos de pesquisa. O grande volume de SOLÉ SABARÍS e LLOPIS LLADÓ<sup>(3)</sup> acerca do relevo da Península Ibérica, que constitui o mais minucioso e completo trabalho consagrado ao assunto, deixa em aberto certo número de problemas, que só monografias apoiadas em investigações minuciosas e em ideias renovadoras permitirão resolver.

Também a «massividade deste pequeno continente» confere à Península carácter ímpar na Europa: em parte alguma a vegetação temperada desce tanto ao longo do Atlântico e só na Ásia Menor as influências estépicas caminham tanto para o norte. Clima e vegetação estudam-se estreitamente entrelaçados e é muitas vezes a pai-

sagem vegetal que, tornando-as visíveis, serve para introduzir as cambiantes dos climas regionais, com vigorosos contrastes e grande riqueza de transições. Foi pena que o autor, ao estudar o solo e o regime dos rios, não tentasse combinar o material relativo à Espanha e a Portugal, tarefa nem sempre fácil pelo deplorável isolamento em que costumam trabalhar os estudiosos dos dois países, donde resulta falta de homogeneidade desse material.

O mundo rural revela imagens diferentes das de outras regiões mediterrâneas: grandes planícies onde a cultura cerealífera alterna com longos pousios, monótonos campos sem árvores e formigueiros de «monstruosas aldeias»; rios que regam grandes hortas, antigas no seu desenvolvimento; em contraste com estas paisagens «cortadas em padrões largos», as fachadas do Noroeste e da Catalunha litoral caracterizam-se pela variedade de *terras*, pela frequência do povoamento disperso e pelas explorações independentes, com rendimentos elevados no sequeiro, às vezes acompanhado de rega. Como critério de classificação o autor adopta, em primeiro lugar, o modo de exploração; em segundo, a parte maior ou menor das culturas e da rega na economia; a partir dele procura enunciar a grande variedade de tipos que se nota na vida rural da Península. A interpretação desta variedade é complexa. Factores físicos: na Andaluzia, por exemplo, «a variedade dos modos de utilização do solo parece em primeiro lugar em relação com o relevo, sem que se possa sempre distinguir por que alavancas intermediárias ele actua sobre a Geografia agrária»; condições históricas: importância da Reconquista, posta nos devidos termos (constituição de grandes propriedades senhoriais onde a ocupação humana anterior se reduzia a clareiras no meio do maninho), da burguesia comercial das cidades da Catalunha (*masias* isoladas, abastadas ou muito elegantes, assento de lavouras de uns 30 ha), ou do Levante (horta de Valência, sucessivamente especializada na produção de açúcar, seda, laranjas...). Exemplo destas interpretações, às vezes um tanto emaranhadas, podemos tomá-lo num traço importante do povoamento em grandes extensões da Península — a aglomeração: na Mancha, a raridade da água e o gosto da vida social (não será antes consequência da extrema concentração do povoamento?); na Andaluzia, a insegurança produzida pelas últimas guerras da Reconquista (factor geral e duradouro, pois esta se prolongou por quase oito séculos mas há mais de quatro cessou de actuar); em Maiorca, defesa contra os piratas berberiscos (mas Ibiça, ilha calcária, tem um povoamento disseminado, com abastecimento de água por cisternas); ao sul de Barcelona, depois da Reconquista, «na atmosfera da época das Comunas, os novos colonos procuravam uma garantia colectiva das suas franquias». Certos traços de geografia rural da Península são relevantes: os maiores olivais do mundo (Guadalquivir), uma espantosa aptidão do Espanhol para a rega (que o habitante de metade de Portugal não possui) mesmo nas terras onde o *secano* predomina, em área e valor, aldeias «monstruosas», com dimensão de cidades, no centro da Península, montanhas pastoris de tipo setentrional (bovinos) e «carpático» (ovinos), com

(3) Tomo 1.º da obra citada no início desta notícia.

persistência de grandes movimentos transumantes, arroteias dos nossos dias ao lado de estruturas agrárias pré-romanas...

«Um contraste violento opõe o interior da Península às orlas marítimas, especialmente as do Norte e dos países catalães, onde a indústria moderna se enraizou vigorosamente». Esta inversão é recente: as minas do sul e a intensa actividade artesanal das cidades do interior, que fizeram a fortuna da Espanha, declinaram em proveito deste deslocamento da indústria para o norte, fenómeno geral do Mediterrâneo. As cidades são evocadas neste contexto de vida industrial a que muitas delas se ligam imperfeitamente. A economia da Espanha, e ainda mais a de Portugal, mau grado o progresso dos últimos anos, marca um grande desnível em relação aos países ricos da Europa ocidental. O turismo representa apreciável fonte de divisas (mas também de elevação do custo da vida em terras pobres, com que o natural só perde...).

O leitor especialmente interessado na Geografia da Península não deixará de ler os capítulos gerais acerca do Mediterrâneo (algumas páginas vigorosas sobre as cidades europeias e muçulmanas deveriam ter sido retomadas no quadro espanhol e português).

O plano da colecção contém um risco: as descrições são raras, as alusões às vezes difíceis de apreender, os esquemas não estão isentos de secura e de voluntária simplificação. Mais ainda: relevo, clima, geografia agrária e industrial aparecem desligados, tratados nos problemas que ao autor se afiguraram como mais sugestivos. Nada sobre as unidades regionais, mas apenas uma ou outra fugidia anotação sobre este ou aquele aspecto do que faz a sua vigorosa originalidade. A Geografia esfarela-se através destas páginas densas de ideias e destas interpretações argutas de problemas tratados separadamente. O leitor que deseje avaliar quanto é vigorosa e original a faceta de geógrafo «completo» dum dos maiores geomorfólogos actuais releia as páginas coloridas e cheias de humanidade do livrinho que BIROT dedicou a Portugal (4). Aí encontrará presente a *civilização*, personagem que domina a cena geográfica e que, no livro aqui analisado, apenas faz fugidias e desconexas aparições...

Apenas por causa do título, e por ser editado por uma livraria especializada e conceituada, se refere uma obra (5) que nem ilustra a Geografia britânica nem traz qualquer proveito ao conhecimento dos países peninsulares. A par de uma ou outra página sofrível de mera vulgarização, tudo falta neste livro: informação bibliográfica (relativamente a Portugal não foi utilizada uma única obra de Geografia, de autor português ou estrangeiro; trabalhos fundamentais, como a *Geografia* referida no começo desta notícia, são totalmente ignorados das autoras), sentido interpretativo e capacidade de evocar paisagens e ambientes com um mínimo de exactidão nos pormenores. Alguns

(4) *Le Portugal. Etude de Géographie Régionale*, Coll. Colin, Paris, 1950, 222 pp.

(5) RUTH WAY, assisted by MARGARET SIMMONS, *A Geography of Spain and Portugal*, Methuen & Co. Ltd., London, 1962, XI + 362 pp.

exemplos apenas: tamareiras e «mulheres descalças com longos vestidos flutuantes» (p. 301), evocam, no Algarve, Tetuão ou a cidade de Marrocos; «as pedreiras de mármore de Évora produziram a pedra usada na construção do Escorial» (p. 302); a população de algumas cidades e vilas (às vezes referidas ao acaso: Abrantes é a única mencionada no Ribatejo) está quase sempre errada, com números exagerados, inventados não se sabe como: Olhão, 31 903 habitantes, Beja, 42 703, Aveiro, 40 187, Viseu, 76 816, Guimarães, 96 064... — É lamentável que este chorrilho de díslates fosse publicado pela mesma livraria que lançou o livro de O. H. K. SPATE, *India and Pakistan*, uma das mais notáveis obras de Geografia aparecidas nos últimos anos em língua inglesa; nem das formosas e penetrantes páginas que foram consagradas à civilização portuguesa na Índia as autoras souberam extrair mais do que uma insípida informação, no apêndice sobre os territórios ultramarinos de Espanha e Portugal.

O livrinho de MICHEL DRAIN (6), publicado numa colecção de divulgação de dimensões reduzidas, situa-se num plano oposto. O autor, que dedicou alguns anos a investigações na Andaluzia e a ensinar na Universidade de Coimbra, utilizou criteriosamente a bibliografia e conhece e sente os problemas peninsulares, encarando alguns deles duma maneira original. A começar pela dualidade política: «Portugal, país de camponeses e marinheiros, de traços atlânticos e mediterrâneos harmoniosamente misturados, Espanha, país rude e isolado, no centro dum pequeno continente». Sem o dizer expressamente, o autor identifica a Espanha com o seu núcleo aglutinante: pela importância histórica desse núcleo, ele pesa ainda, com toda a força, na expressão colectiva desse país. Península de formas maciças, a mais meridional da Europa, passado grandioso em consequência dum destino marítimo, presente medíocre, como o de todo o Mediterrâneo *subdesenvolvido*. «Os estrangeiros vêm aí por causa do sol e do exotismo, os naturais partem de lá à procura de trabalho e de liberdade».

«Unidade e variedade da Península» — traços gerais: isolamento, altitude, secura, pobreza; contrastes: de relevo (planaltos e montanhas e raras planícies periféricas), de clima (Ibéria seca e Ibéria húmida, por «supressão da secura estival»), mas também de destinos humanos, através duma história que domina a economia e o povoamento.

Separado da Espanha pela mais antiga fronteira da Europa, Portugal não forma na Península uma *região* única. Por isso, e com toda a razão, os três domínios geográficos deste país (atlântico, mediterrâneo, interior) são examinados conjuntamente no contexto das grandes divisões da geografia peninsular. Esta corajosa inovação na descrição habitual do mundo por estados, adquire na pena dum jovem geógrafo francês todo o significado quando, no seu próprio país, os estudos regionais recentes têm tendência para minimizar unidades naturais e relações tradicionais, conformando-se com os grandes polos de atracção urbana. «Ao norte, Galiza e Minho apenas diferem por leves

(6) MICHEL DRAIN, *Géographie de la Péninsule Ibérique*, coll. Que sais-je?, Paris, 1964, 128 pp.

cambiantes, no sudoeste (?) são as mesmas paisagens e os mesmos problemas agrários que se encontram no Alentejo e na Estremadura espanhola». Espanha e Portugal têm possibilidades distintas mas as grandes regiões que as compõem participam dos mesmos conjuntos. Os critérios da divisão geográfica baseiam-se na oposição fundamental entre «o interior» e «as fachadas marítimas». No interior, planaltos e montanhas com rios ao rés do solo, no fundo de gargantas ou em largos vales que bordejam cornijas calcárias, um clima rude, Inverno longo e frio e Verão seco e ardente; uma ocupação humana com enormes aldeias cerradas, no meio de terras vazias e abertas, onde a raridade das casas esparsas, das sebes e árvores isoladas produz um sentimento de desolação: campos cerealíferos, cereais e arvoredos no *montado* ou *montanera*, aqui e além áreas especializadas na vinha ou salpicadas das manchas verdes da rega. As modalidades de apropriação do solo na Reconquista (colonização camponesa com conservação do *openfield* tradicional no Norte, grandes domínios senhoriais no Sul) e o pastoreio extensivo de ovelhas («a tirania da criação transumante» não de todo apagada «nas estruturas mentais das classes dominantes») ordenam e explicam as paisagens rurais. Transformações recentes: desamortização (apropriação pelo Estado de bens de mão-morta e de baldios, vendidos a particulares, traduzindo-se no reforço da grande propriedade o que poderia ter possibilitado uma reforma agrária pacífica), arroteias que acompanharam o incremento demográfico, extensão da vinha, antes da filoxera e a favor das destruições que esta moléstia causou primeiro em França, sobrevivendo apenas, quando chegou a vez da Espanha sofrer o mesmo flagelo, as grandes vinhas sólidamente implantadas na Mancha e na Estremadura, extensão do regadio (a perda de Cuba levou a substituir o açúcar ultramarino de cana pelo de beterraba). «No conjunto, estes campos continuam prisioneiros dos quadros do passado e isto apesar das importantes transformações recentes do sistema de culturas»: fenómeno geral, que obriga a examinar sempre, no decurso histórico, as paisagens rurais, por uma sorte de inércia que é, naturalmente, tanto mais forte quanto mais improgressivos são os países.

Em três quartos da superfície, a população da Ibéria interior é de pouco mais de um quarto da da Península; Madrid conta, por si só, dois milhões de habitantes, um quinto dessa população; apenas um outro importante centro regional se situa nesta área: Saragoça; em ambas o desenvolvimento recente se fez sentir à custa da estagnação do campo. A preponderância do interior pertence ao passado: minas que declinaram, artesanato que se extinguiu com o advento da revolução industrial, caminhos terrestres e grandes mercados e manufacturas da lã que perderam a preponderância, papel defensivo das cidades da Reconquista, adormecidas ou meio abandonadas no advento dos tempos modernos. «As fachadas marítimas são mais povoadas, mais ricas e mais activas que o centro».

(?) Por lapso evidente, lê-se sueste.

Em 4 118 km de costas, estas fachadas beneficiaram do fermento do comércio marítimo e da vida de relação, donde resultam fortes densidades de população e economias regionais que souberam acompanhar o desenvolvimento industrial. Nenhuma unidade, porém, nestas regiões, das quais uma única conseguiu formar um estado.

A fachada mediterrânea, constituída por exíguas planícies litorais (deltas, corredores entre os enrugamentos da Cordilheira Bética) e montanhas próximas, com uma gama de climas desde a secura estival atenuada da Catalunha e os Invernos sujeitos a invasões de ar frio, à doçura meridional e à semiaridez do Levante. A originalidade da Catalunha, com costumes e língua própria, é histórica: uma burguesia enriquecida no comércio marítimo que soube investir os lucros na indústria. A vida rural é dominada pela rega, nos lugares mais secos, condição de toda a cultura. O autor resume a complexa acumulação de experiências, desde a época romana e o cunho muçulmano até à ocupação recente, com arrozais, da Albufera de Valência e do delta do Ebro. «A tradição comercial antiga explica a especialização das culturas e a sensibilidade da economia e da sociedade às variações do mercado exterior». Um exemplo: a *huerta* de Valência, produtora sucessivamente de cana-de-açúcar, de amoreiras para bicho-da-seda, de laranjas. Vida rural antiga e intensa: «Numa população de 9 milhões de habitantes, um terço vive em cidades de mais de 100 000 habitantes». Mas o país permanece, à excepção da grande região industrial de Barcelona, fundamentalmente rural, com alguns outros centros industriais portuários.

Na fachada atlântica distinguem-se o Norte e Noroeste e o Sul. O primeiro pertence, pelo clima, ao domínio oceânico europeu; e também por outros traços da ocupação humana: terra de «bocage» e de florestas de folhas caducas, prados e campos de milho, uso da cidra (mais antiga aqui do que na Normandia), disseminação do povoamento, pequenos centros industriais no fundo dos vales, gosto do trabalho e sentido dos negócios. Pesca e navegação são antigas neste litoral articulado (metade do peixe desembarcado em toda a Península). A indústria está também geralmente ligada aos portos: importante actividade industrial, com hulha e ferro nas Astúrias e no País Basco, indústrias diversas (principalmente têxteis de algodão) nos arredores do Porto; o vinho famoso deve a fortuna à possibilidade de exportação pela barra do Douro. Vida urbana, duas cidades (Bilbau e Porto) com meio milhão de habitantes.

A fachada atlântica do Sul é a única «onde se abrem longos golfos de planícies, onde a navegação avança um pouco para o interior». Foi também o centro da expansão peninsular: Lisboa, Sevilha, Cádiz, os portos onde chegavam as cargas de ouro e especiarias. Na verdade, formaram-se regiões com personalidades muito diferentes: Andaluzia, «exagero meridional da Espanha a ponto de se tornar o seu símbolo, Estremadura portuguesa onde os traços de civilização mediterrânea trazem finas cambiantes às influências atlânticas que exprimem a própria essência da nação portuguesa». Andaluzia: 15 p. 100 da superfície

e da população da Península, separada do resto por vastas extensões desertas até ao século XVIII, com uma civilização rural una, enraizada numa terra rica, que contém hoje um milhão de deserdados. Com metade da produção espanhola de azeite nas províncias de Jaen e Córdoba, com o segundo e terceiro lugar na produção de trigo nas províncias de Sevilha e Córdoba, vinho de Xerês, algodão, a estrutura do latifúndio mantém a população fortemente concentrada, vivendo na maior miséria.

Insistindo na mediocridade destas regiões, o autor descreve-as sumariamente caminhando para o Norte: Algarve, Ribatejo, Estremadura («verdadeiro museu morfológico»), Beira Litoral. Imbricação complexa de elementos mediterrâneos (maciços calcários) e atlânticos (maciço cristalino de Sintra). Boa descrição de Lisboa e da sua área de influência (\*).

A economia dos estados peninsulares é menos a de países sub-desenvolvidos do que *mal desenvolvidos*, «colonizados» por capitais estrangeiros na segunda metade do século XIX, com uma infra-estrutura mal adaptada às necessidades locais, hoje com grandes concentrações de capitais consumidos por despesas improdutivas e investimentos orientados para «realizações espectaculares» dispensáveis. Estrutura social «que evoca os tempos pré-industriais da Inglaterra e da França», desenvolvimento demográfico refreado nos últimos anos (mais em Espanha do que em Portugal), grandes desequilíbrios regionais (oposição entre o interior entorpecido e activas fachadas marítimas), o problema agrário do Sul que afecta mais de sete milhões de habitantes. Em Espanha, agricultura importante mas fraca, equipamento industrial antiquado, falta de aço, carência de energia, estrutura fiscal assente em impostos indirectos (pagos pelos pobres em proveito dos ricos); em Portugal, agricultura pobre, cabendo aos produtos florestais (resina, pinho, cortiça) e à pesca o primeiro papel na exportação, industrialização muito recente (100 000 operários em 1932, um milhão actualmente), importação dos produtos ultramarinos (açúcar e algodão) que fazem a fortuna do regadio espanhol, obras de rega de êxito duvidoso. Maior do que o contraste entre o interior e as fachadas marítimas é o que opõe a Península ao resto da Europa, com o arcaísmo das suas estruturas sociais e a «reserva de mão-de-obra não qualificada». Desajustamentos que, há dois séculos, preocupam os espíritos.

Demorei-me gostosamente na notícia deste livro exíguo nas dimensões mas denso de ideias e de factos, que consegue evocar a variedade regional das paisagens e das economias dentro da unidade e das constantes da terra ibérica, exótica aos olhos de outros europeus. Algumas linhas amargas reflectem preocupações de autores peninsulares, sobretudo no plano da economia e da vida social; na pena dum estrangeiro amigo, elas adquirem toda a relevância. Embora especialmente atento

(\*) Da época de fausto restam apenas o traçado muçulmano de Alfama (mais exactamente da colina do Castelo) e a torre de Belém; o autor omite um dos mais importantes monumentos de Portugal: o mosteiro dos Jerónimos.

aos problemas actuais, o geógrafo tem como pedra de toque do seu trabalho saber inseri-los na linha evolutiva do seu decurso no tempo. Esta perspectiva histórica está presente no breve e penetrante estudo de DRAIN. Mas a essa luz conviria recordar quanto os povos peninsulares contribuíram para «um dos tesouros mais preciosos do património da nossa velha Europa ocidental» (\*). Cada vez mais distanciados, na actualidade, dos seus centros activos, a eles se deve, depois da mais harmoniosa combinação, na própria Península, de elementos europeus e orientais, o caminho aberto à universalidade que a única civilização alcançou até hoje.

ORLANDO RIBEIRO

(\*) BIROT, *ob. cit.* na nota 4, p. 49.